

NOTÍCIA DE UMA MOEDA HELENÍSTICA DO TESOURO DE TORRE (SANTA MARIA DE ÉMERES, VALPAÇOS)

Rui M. S. Centeno

J. M. Valladares Souto

A dispersão do tesouro monetário de Torre constitui, sem dúvida, mais um exemplo dos atentados constantes ao nosso património arqueológico, perante a já reconhecida incapacidade de intervenção manifestada em tais situações pelos serviços estatais competentes ⁽¹⁾. De facto, não foi possível impedir que, logo após a sua descoberta em finais de Abril de 1985, os achadores do tesouro dividissem as moedas em vários lotes e os fossem vendendo a diversos colecionadores particulares e a comerciantes da especialidade. Deste modo se perderam irremediavelmente informações quanto à efectiva composição do tesouro, ao seu âmbito cronológico e ao número de exemplares que o constituíam, isto sem esquecer o enorme interesse que teria o seu estudo integral.

No referente ao número de numismas que o tesouro incluía, é apontada uma quantidade próxima dos 300 Kg ⁽²⁾ que, com muitas reservas, poderíamos traduzir em cerca de 180.000 unidades ⁽³⁾. Apesar de tal número poder parecer

⁽¹⁾ Veja-se M. C. HIPÓLITO, *Achado monetário de Torre: mais um caso modelar de arqueologia numismática em Portugal*, Lisboa, 1986 (sep. de *Moeda*, X, 3, 4, 6, 1985 e XI, 2, 1986), onde se tecem interessantes e pertinentes considerações a propósito deste achado.

⁽²⁾ M. J. P. MACIEL e T. D. P. MACIEL, em «O tesouro monetário romano de Santa Maria de Émeres (Valpaços)», *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio Veiga Ferreira*, Lisboa, 1987, p. 309, utilizando uma informação de um dos achadores do tesouro, referem que «a quantidade de moedas rondaria os 300 quilos»; numa notícia publicada no *Jornal de Notícias*, Porto, 17-V-1985, p. 14, escreve-se que «na povoação fala-se em mais de 300 quilos de moedas».

⁽³⁾ Esta cifra tem por base um peso médio, por exemplar, de 1.67 g, calculado a partir dos dados publicados por E. ALBUQUERQUE, «O tesouro monetário do lugar de Torre. Subsídio para o seu estudo», *Nummus*, 2.^a série, VII/VIII, 1984/1985, p. 83-139 e por F. OLIVEIRA, F. CAMILO e I. DE LUNA, «Mais dois lotes de moedas do tesouro de Torre (Sta. Maria de Émeres, Valpaços)», *Nummus*, 2.^a série, IX/X, 1986/1987, p. 115-48.

exagerado, a verdade é que o contentor das moedas, uma talha com uma capacidade próxima dos 70 litros ⁽⁴⁾, mostra que estamos perante um grande tesouro. Caso o recipiente se encontrasse completamente cheio, os 70 litros poderiam corresponder a cerca de 250 Kg ⁽⁵⁾, ou seja, à roda de 150.000 peças ⁽⁶⁾. Em suma, mesmo tendo em conta o carácter meramente hipotético de todas as cifras estimadas, não será muito descabido sugerir que o tesouro de Torre teria talvez mais de 100.000 exemplares.

As 3.645 moedas já publicadas ⁽⁷⁾ constituem uma amostra, não sabemos até que ponto fidedigna, do conjunto monetário que, assim, seria composto fundamentalmente por moedas do século IV, datáveis entre 330 e 395, incluindo ainda algumas peças da segunda metade do século III, imagem típica dos tesouros dos fins do século IV e dos inícios do seguinte. A plausível existência no tesouro de peças posteriores a 395 ⁽⁸⁾ fazem-nos suspeitar que o seu ocultamento teve lugar já no início do século V, talvez motivado pelo clima de instabilidade que se viveu na Hispânia com a chegada dos primeiros povos germânicos em 409.

Num dos vários lotes de moedas do tesouro de Torre vendidos na cidade do Porto, encontrava-se um bronze helenístico batido em Syracusae em nome de

⁽⁴⁾ A julgar pelas dimensões do vaso, este cálculo é aceitável. Como se pode constatar pelo desenho publicado por M. J. P. MACIEL e T. D. P. MACIEL, *op. cit.*, p. 317, o recipiente, a que falta a parte superior do bojo e o bordo, tinha uma altura superior a 56 cm (deveria rondar os 70 cm) e os diâmetros do fundo e do bojo medem *c.* 24 cm e 54.5 cm, respectivamente.

Como termo de comparação podemos citar os vasos dos tesouros: de Cunetio que, com 50 cm de altura, 24 cm de diâmetro do fundo e 48 cm de diâmetro do bojo, tinha uma capacidade próxima dos 50 litros (E. BESLY e R. BLAND, *The Cunetio treasure. Roman coinage of the third century A. D.*, Londres, 1983, p. 177, fig. 1 e p. 180); e de Normanby com 35 cm de altura, 15 cm de diâmetro do fundo e 33.5 cm de diâmetro do bojo, para uma capacidade que rondava os 40 litros (R. BLAND e A. BURNETT, «Normanby, Lincolnshire», in *The Normanby hoard and other Roman coin hoards*, (Coin Hoards from Roman Britain, VIII), Londres, 1988, p. 115 e 117, fig. 1).

⁽⁵⁾ As 47.912 moedas do tesouro de Normanby ocupavam cerca de 35 litros (cf. R. BLAND e A. BURNETT, *op. cit.*, p. 115) e pesariam perto de 125 quilogramas, donde resulta um peso médio de *c.* 2.60 g por unidade, naturalmente superior ao do tesouro de Torre, já que era constituído sobretudo por *antoniniani* e *aureliani*.

⁽⁶⁾ A um peso médio de 1.67 g por moeda (cf. nota 3).

⁽⁷⁾ E. ALBUQUERQUE, *op. cit.* (publica 1341 ex.), J. A. MAIA MARQUES e L. M. C. G. AMARAL, «Moedas romanas de Santa Maria de Êmeres (Valpaços)», *Revista de Ciências Históricas*, I, 1986, p. 101-25 (publicam 66 ex.), M. J. P. MACIEL e T. D. P. MACIEL, *op. cit.*, p. 309-19 (publicam 1760 ex.) e F. OLIVEIRA, F. CAMILO e I. DE LUNA, *op. cit.* (publicam 478 ex.).

⁽⁸⁾ Referimo-nos às moedas de Arcadius e Honorius parcialmente classificadas devido ao seu mau estado de conservação.

Hieron II. A identificação desta peça não levantou grandes dificuldades, apesar do acentuado desgaste que evidência, provocado por uma longuíssima circulação.

Eis a sua descrição:

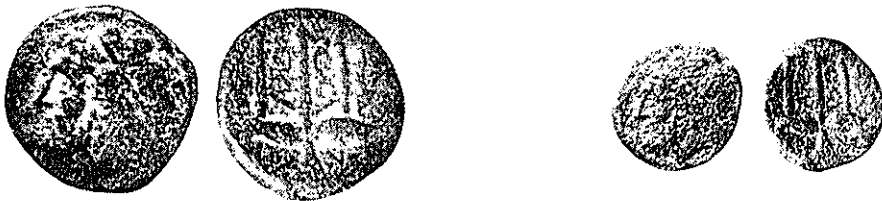
AE, Hieron II, Syracusae, 269 (263)-216 a.C. ⁽⁹⁾

Anv.) Cabeça de Poseidon à esquerda

Rev.) Tridente ladeado, à direita e à esquerda, por golfinho;
em baixo, [τ]ΕΡΩ-ΝΟΣ/[?] - [?]

Peso) 5.57 g Módulo) 19 mm Eixo) 45°

Ref.) *Sylloge Nummorum Graecorum. The collection of the American Numismatic Society. Part 5. Sicily III: Syracuse-Siceliotas, Nova Iorque, 1988, n.º 964 e segs.*



Ampliação (1 1/2 ×)

A seguir à moeda de Antiochia, do tesouro de Castro Lupario (ou de Francos, Rois-Brion, A Coruña) e à de Antiochus III, dum depósito de Léon ⁽¹⁰⁾, esta é a terceira numisma helenística integrada num tesouro tardirromano do Noroeste peninsular. De novo se vem levantar o problema da cronologia em que circularam as moedas gregas achadas nesta região, para as quais é desconhecido o contexto arqueológico em que foram descobertas. De uma forma geral, os dados disponíveis convidam-nos a optar pela circulação de tais peças em tempos romanos, portanto já muito distantes da data da sua emissão, mas também não devemos afastar a possibilidade de alguns exemplares aqui terem chegado durante o seu período normal de circulação ⁽¹¹⁾.

⁽⁹⁾ Cf. P. R. FRANK, «Historisch-numismatisch Probleme der Zeit Hieron II. von Syrakus», *Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte*, IX, 1958, p. 59.

M. H. CRAWFORD, em *Coinage and money under the Roman Republic*, Londres, 1985, p. 107, sugere que, uma boa parte da produção de moeda em bronze de Hieron II, pertencerá ao período da Segunda Guerra Púnica (264-41 a.C.), apesar da sua emissão continuar até ao final do reinado.

⁽¹⁰⁾ Sobre estes exemplares cf. R. M. S. CENTENO, *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, (Anexos Nummus, 1), Porto, 1987, p. 189, n.ºs 2 e 3.

⁽¹¹⁾ Veja-se R. M. S. CENTENO, *op. cit.*, p. 191-92.

